



Os estudantes temem que a cobrança de taxas em atividades extracurriculares "privatize" o Setor Leste, mas o diretor nega esta intenção

Com a ajuda da comunidade, colégio público tem até piscina aquecida

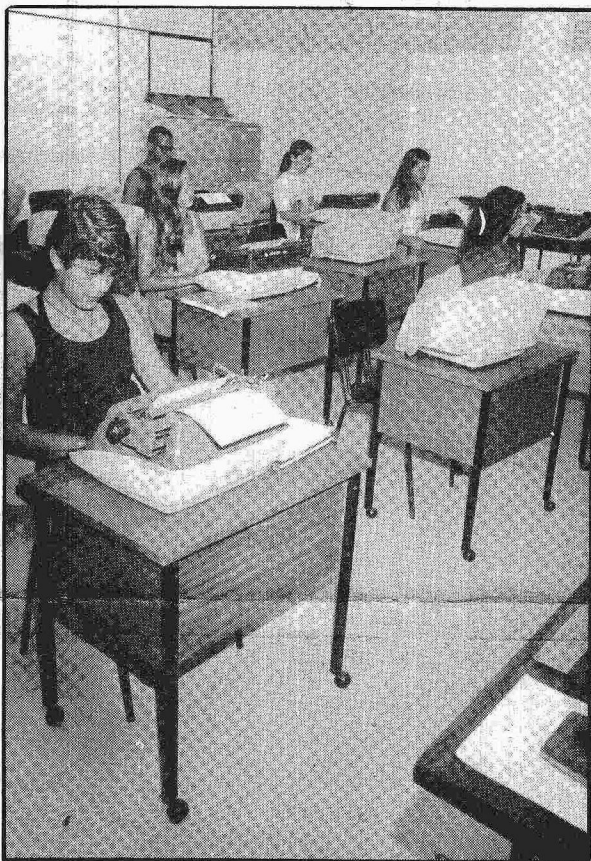
VALÉRIA DE OLIVEIRA

Escola pública com piscina aquecida, ginástica olímpica, aula de balé, central de vídeo, antena parabólica. Existe? Sim, existe. O colégio Setor Leste se orgulha de ser uma escola-modelo para o Brasil e de fazer inveja a muita escola particular que costuma tirar o sono dos pais na hora do vencimento das mensalidades. Como é possível? É que os pais, alunos, professores e a direção da escola deixaram a choramangação de lado e resolveram agir, ao invés de ficar esperando providências do governo.

O Setor Leste é um exemplo do que a vontade e a criatividade podem fazer. O diretor, Edgar Rodrigues de Lima, diz que o segredo do sucesso do colégio é a participação comunitária na administração da escola. Ela não vive só para si. Um grupo de professores fundou o Clube Desportivo Setor Leste, que oferece, também para a comunidade, aulas de natação, balé, ginástica olímpica, ginástica localizada, além dos esportes tradicionais, como vôlei e basquete.

O clube tem um Setorial de Línguas que ministra cursos de inglês e francês e, ainda, uma escola de datilografia. Os sócios do clube que não estudam na escola pagam para frequentar os cursos e para praticar esportes. Os alunos têm direito a escolher o esporte que vão praticar para cumprir a disciplina de Educação Física e a língua que querem cursar. Se optarem por fazer outra atividade esportiva ou aprender os dois idiomas, pagam 1/4 do que é cobrado da comunidade.

Com o dinheiro que arrecada, o clube consegue ajudar a manter e melhorar a escola. Foi dessa forma que o Setor Leste conseguiu montar um dos melhores ginásios de ginás-



Pais, alunos, professores e a direção tornaram o Setor Leste um colégio-modelo

tica olímpica do Brasil, de onde os atletas da escola já saíram para disputar competições internacionais. Edgar Rodrigues de Lima diz que "só essa ação conjunta do governo e da comunidade pode resultar em escola pública de qualidade".

Apostilas — O Setor Leste produz suas próprias apostilas. Um grupo de 50 professores elabora e confecciona o material, que é repassado à Associação de Pais e Mestres em regime de consignação. A APM cobra dos alunos uma taxa de 10% do salário mínimo para pagar as apostilas e para manter um escritório na escola. Segundo Edgar Rodrigues, "com essa iniciativa pioneira do colégio, é possível ter um material de qualidade, atualizado, que já está sendo procurado

por muitas escolas do DF".

O índice de aprovação de alunos do Setor Leste no vestibular mostra que eles disputam em condição de igualdade com os que vêm da escola particular. Este ano, 48 de seus alunos entraram para a universidade, 18 deles para a UnB. No ano passado, alunos da escola passaram no vestibular da Unicamp, da USP e do ITA.

Alunos — Através de um Grêmio Estudantil atuante e de um Conselho de Representantes dos Estudantes — Crepe —, os estudantes discutem com a direção os problemas do colégio. Frederick Albuquerque, da 8ª série, acha que o Setor Leste tem "o melhor ensino público da América Latina". Mas ele te-

me que a cobrança que o clube faz pelas atividades extracurriculares termine por "privatizar" a escola. "A privatização está acontecendo aos pucos", diz ele.

Luciana de Oliveira, vice-presidente do Grêmio, concorda. "A única coisa pública que ainda existe aqui são as salas de aula", acrescenta. "Se a escola for privatizada, vai ser um abalo. Mas o que eles querem é acabar com a escola gratuita, elitizando a educação". Frederick acredita que a Fundação Educacional "manda pouco dinheiro porque confia que a escola tem condições de se sustentar". O diretor Edgar Rodrigues afirma que não quer privatizar, mas "melhorar a escola pública".

